

**O MAPA ARQUEOLÓGICO PARCIAL E A REVISÃO
HISTORIOGRÁFICA A RESPEITO DAS OCUPAÇÕES
INDÍGENAS PRÉ-HISTÓRICAS NO MUNICÍPIO DE
PORTO ALEGRE, RIO GRANDE DO SUL¹**

FRANCISCO S. NOELLI²
FABÍOLA A. SILVA³
KATYA VIETTA⁴
FERNANDA B. TOCCHETTO⁵
ÂNGELA CAPPELLETTI⁶
JOÃO FELIPE G. DA COSTA⁷
ANDRÉ LUIS R. SOARES⁸
KARLA J. MARQUES⁹

RESUMO

Este trabalho apresenta os primeiros passos de uma pesquisa regional, cujo objetivo final é a compreensão de como distintas populações ocuparam o mesmo espaço ao longo dos últimos 10.000 anos. Para tanto, estão sendo empregados recursos teórico-metodológicos da Arqueologia, Etnologia e História.

Palavras Chave: Pesquisa regional; Porto Alegre; Indígenas.

¹. Trabalho apresentado no Encontro de História e Geografia do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, em 1994.

². Professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá.

³. Doutoranda em Antropologia Social - USP.

⁴. Mestre em Antropologia Social - UFRGS.

⁵. Museu José Joaquim Felizardo/SMC-POA.

⁶. Bolsista Aperfeiçoamento FAPERGS.

⁷. Mestrando em Arqueologia - PUCRS.

⁸. Mestre em Arqueologia - PUCRS.

⁹. Mestranda em História - PUCRS.

Este trabalho é o relato dos resultados preliminares do Projeto de Levantamento de Sítios Arqueológicos de Ocupação Indígena no Município de Porto Alegre. Em sua primeira etapa, o projeto tem entre seus objetivos identificar e analisar assentamentos pré-históricas na área municipal. Também é objetivo desenvolver a pesquisa de arqueologia histórica e atender a demanda de salvamento do patrimônio arqueológico municipal, quando ameaçado pela expansão da malha urbana ou pela reforma e demolição de prédios.

A pesquisa vem sendo realizada desde julho de 1993 no Museu José Joaquim Felizardo, órgão da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre, que dá suporte institucional e logístico ao projeto. Uma outra parte do projeto é auxiliada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul - FAPERGS, através de diversas modalidades de bolsas de pesquisa.

Revisão Histórica: resumindo o que já foi dito

A ocupação indígena no atual município de Porto Alegre e áreas próximas ocorreu desde pelos menos 9.000 anos antes do presente, marcada por diversas e sucessivas populações. Com a chegada dos europeus a última destas populações - os Guarani - foi destruída no século XVII por epidemias, escravidão e guerras, como se pode verificar nas cartas jesuíticas do Tape e do litoral sul - brasileiro (LEONHARDT, 1927, 1929; CORTESÃO, 1969; RODRIGUES, 1940; LEITE, 1956-1960).

A presença de europeus nas mesmas áreas iniciou a partir do século XVII e pode ser esquematicamente, **grosso modo**, pode ser dividida em dois períodos: antes e depois da fundação oficial do município em 1772. Antes da fundação temos duas fases. A **primeira**, quando o Rio Grande do Sul era primeiro percorrido por vicentinos escravizadores dos Guarani - missioneiros ou não - e a região estava na periferia da colonizações espanhola e portuguesa. No final desta primeira fase houve a penetração de tropeiros, sem a instalação de núcleos urbanos ou rurais. A partir de 1730 a região começou a ser povoada por sesmeiros vindos do sul de Santa Catarina. A **segunda** foi quando a área do município serviu na década de 1750 como base de apoio à penetração lusa em direção às Missões Jesuíticas e como local de instalação precária de colonos açorianos, marcando o início da ocupação histórica da cidade.

Em meados do século XVIII a região abrangida por Porto Alegre e adjacências não estava mais ocupada pelos Guarani ou outras etnias, como se pode constatar nas cartas de Gomes Freire de Andrada à Coroa portuguesa (1927, 1928, 1929). Os únicos indígenas mencionados por Gomes Freire foram os Minuano na região de Rio Grande e os "Tape" no Planalto Sul-Riograndense e tropas de Guarani missioneiros acampadas na região do salto do Jacuí.¹⁰ Os sesmeiros que ocupavam Porto Alegre e arredores desde a década de 1730, interrogados por Gomes Freire, não deram nenhuma notícia de indígenas na região (ANDRADA, 1928, 1929).

Os únicos indígenas descritos em Porto Alegre e arredores após 1750 foram os 2.500 transmigrados a força das sete cidades missioneiras e instalados na Aldeia dos Anjos, atual cidade de Gravataí (AHRGS, 1990). Posteriormente, estes habitantes de Gravataí foram se dispersando e alguns podem ter vindo para Porto Alegre como deve ter sido o caso do Guarani Vicente, relatado em 1875 por José Antonio Vale Caldre e Fião (1943). Muitos outros descendentes dessa comunidade transmigraada vieram para Porto Alegre, para servir no Regimento de Dragões e posteriormente devem ter ido habitar diversas partes do município em expansão.

Os poucos historiadores que trataram da ocupação indígena em Porto Alegre especularam sem fundamentação histórica, etnográfica e arqueológica. Estabeleceram erroneamente, desprovidos de uma perspectiva histórica, que teria havido uma concomitância de ocupações por parte dessas distintas populações, exetando Nicolau Dreys ([1839] 1961:154-159), um dos primeiros cronistas rio-grandenses, que descreveu corretamente a localização das populações indígenas.

João Cezimbra Jacques ([1883] 1979, 1912) mistura na área de Porto Alegre os Guarani (Tape) e os Minuano, povos culturalmente diferentes, chamando-os de "*grande nação Tape-minuano*".

Augusto Porto Alegre (1906: 3-4), em crônica sobre a cidade, ampliou a confusão: "A população original que em diversos sitios habitava Porto Alegre constava de diferentes tribos: tapes, charruas, patos, minuano e guahycanans", considerando todos estes grupos como sendo "Tupi ou Guarani".

¹⁰. Possivelmente os Guarani cristãos, das vacarias missioneiras.

Provavelmente baseado nos trabalhos históricos, arqueológicos e etnológicos de Hermann von Ihering, Ambrósio Schupp e Carlos Teschauer, Walter Spalding (1940:IV) procurou explicar a seqüência da ocupação indígena do município: na época da chegada dos europeus, os habitantes de Porto Alegre seriam os Charruas; depois vieram os Arachanes, também conhecidos por Patos, que empurraram os Charruas para o sul.

Posteriormente, os historiadores de Porto Alegre que fizeram menção à ocupação indígena da cidade reproduziram as especulações infundadas de Porto Alegre e Spalding.

A seqüência pré-histórica de ocupação indígena

Conforme as informações geradas pelos arqueólogos¹¹ que localizaram, pesquisaram e analisaram diversos sítios num raio de 200 km a partir de Porto Alegre, pode-se estabelecer a seqüência de ocupação indígena. O conjunto de populações pré-históricas que correspondem a estas ocupações, no contexto da Arqueologia Brasileira, são denominadas de Tradições Arqueológicas.

Portanto, encontramos a seguinte seqüência e as respectivas datas mais antigas no mencionado raio de ação:

- a) Tradição Umbu: +- 9.000 A.P
- b) Tradição Humaitá: +- 6.600 A.P
- c) Tradição Vieira: +- 1.800 A.P
- d) Tradição Taquara: +- 1.600 A.P
- e) Tradição Guarani: +- 1.800 A.P

Observando as datas pode-se constatar que a seqüência inicia a pelo menos nove mil anos atrás e, como foi citado mais acima, encerrou no século XVII. As datações de vários sítios revelaram que houve concomitância de ocupação entre algumas das tradições arqueológicas do sul do Brasil, cujos limites definitivos de "vizinhança" e ainda estão sendo estudados.

A partir desta cronologia geral, em cada região a ser estudada, pode-se verificar precisamente se todas as tradições estiveram presentes e

¹¹. BROCHADO, 1984; KERN [Org.], 1991; MENTZ RIBEIRO, 1991; MENTZ RIBEIRO et alii, 1989; RÜTHSCHILLING, 1989; SCHMITZ et al., 1988, 1991.

quais as contemporaneidades que houveram. Nem sempre, em todas as áreas pesquisadas, a seqüência local é semelhante a seqüência geral.

Destas cinco tradições, três são ascendentes de grupos historicamente conhecidos e dos quais se pode fazer analogias diretas, usar informações armazenadas em documentos escritos, enriquecendo a interpretação dos contextos arqueológicos: a) Minuanos relacionados à tradição Vieira; Kaingang à tradição Taquara; c) Guarani relacionados à tradição Guarani (também denominada de Tupiguarani por alguns arqueólogos).

A partir dos estudos lingüísticos constatou-se que Minuanos, Kaingang e Guarani pertencem a troncos lingüísticos distintos, tinham culturas e maneiras diferenciadas de ocupar os ambientes ao contrário das misturas feitas sem base científica pelos primeiros historiadores. Os Kaingang foram denominados no passado como "*Guaianã*", grafado de várias formas. No Rio Grande do Sul os Guarani foram denominados de "*Tapes*", "*Arachanes*", "*Patos*" e "*Carijós*", de acordo com a região. Os Minuano sempre foram denominados desta maneira.

Destes grupos, os Minuano são os menos conhecidos devido ao pouco conhecimento da extensão das informações escritas ao seu respeito, cuja maioria ainda está por ser publicada. Outros entendem que o desconhecimento se deve ao seu prematuro extermínio e absorção pela sociedade colonial (BECKER, 1976, 1984; SCHMITZ, 1991; NOELLI, 1993).

Os sítios arqueológicos de Porto Alegre: indicações

Na bibliografia não-arqueológica sobre Porto Alegre há raras menções sobre história indígena e sobre os sítios de ocupação indígena, não porque eles inexistam, mas porque até o presente não houve interesse por parte dos pesquisadores em geral. A pesquisa nos arquivos e na bibliografia em busca de informações para nosso projeto também revelou que o município quase não foi contemplado por projetos arqueológicos empreendidos no Estado (sínteses sobre a arqueologia no Rio Grande do Sul In: Brochado, 1969; Schmitz, 1973; Schmitz & Brochado, 1982; Schmitz et al., 1967). No histórico das pesquisas constata-se que a região metropolitana ficou à margem dos interesses, principalmente devido ao consenso de que os sítios já haviam sido destruídos.

Há antigas indicações de sítios arqueológicos, publicadas em alguns poucos livros sobre a cidade, que podem ser confirmadas após um levantamento sistemático em campo. Outros dificilmente serão encontrados, por estarem sob a malha urbana e destruídos pela remoção de terra para aterrar várzeas e construções. Nestes casos, só uma eventualidade causada por uma construção ou informação de antigo morador.

Em 1875 temos a primeira indicação publicada sobre sítios arqueológicos em dois bairros da cidade, sendo que, atualmente, um está sob a malha urbana do Passo da Areia e o outro no desabitado Morro do Osso (CALDRE e FIÃO, 1943).

No início do século Augusto Porto Alegre (1906: 4) repete Caldre e Fião e noticia a ocorrência de outros três sítios, ainda não localizados: 1) Santa Teresa; 2) várzea do Gravataí; 3) Itapuã (pode estar entre os localizados posteriormente por Silva, 1992).

A partir do fim da década de 30, Spalding (1939, 1940, 1943, 1967, s.d.) também repete os informes anteriores e amplia as informações relatando sítios localizados na zona sul: ilha do "Chico Manoel", Ponta dos Coatís, Ponta do Arado, Morro do Espírito Santo (há no Museu Júlio de Castilhos de Porto Alegre uma grande vasilha de origem Guarani originária deste último bairro).

Em 1964 e 1965, conforme informações do I e do II Seminários de Arqueologia Sul-Riograndense (realizado por arqueólogos amadores), foi encontrada uma estatueta em "um canteiro de horta" na Avenida Carlos Gomes, no bairro Mont Serrat (Anais, 1966:53). Este achado, totalmente descontextualizado, não foi analisado com métodos arqueológicos e atualmente não conseguimos localizar aqueles que a encontraram. Na mesma publicação sobre o Simpósio também há notícias sobre vestígios arqueológicos cerâmicos Guarani, encontrados em 1915 no bairro Vila Nova.

Sítios arqueológicos de Porto Alegre: a fase científica

Nas décadas de 1960, 1970 e 1980 alguns arqueólogos realizaram pequenas escavações, prospecções e coletas de superfície, entretanto, sem publicar seus resultados. Essas informações, entretanto, resultaram de estudos preliminares feitos por arqueólogos profissionais e constituem o

primeiro conjunto de dados confiáveis para futuras interpretações arqueológicas.

José Brochado (UFRGS), localizou sítios na Vila Mapa e na Restinga. Guilherme Naue (PUCRS), localizou sítios na Ponta dos Coatis, Ponta do Coco. Sérgio Leite (Museu Antropológico do RS), prospectou um sítio na Restinga.

Nos anos 90, Sérgio Baptista da Silva (1992) relatou que recebeu informações sobre 11 sítios na parte sul do município de Porto Alegre e no município vizinho de Viamão, sem sabermos, contudo, se podemos somá-los aos já conhecidos até os anos 40.

Nos municípios da Grande Porto Alegre foram encontrados diversos sítios (GOLDMEIER & SCHMITZ, 1983; GAZZANEO, 1990; LEITE, 1975; SILVA, 1992; NOELLI, 1993).

O Projeto de Levantamento de Sítios de Ocupação Indígena Pré-Histórica do Município de Porto Alegre

A primeira fase do projeto, seguindo a proposta de Redman (1973), visou o reconhecimento da área municipal através de estudos cartográficos, aerofotogramétricos e de vistorias em bairros com diversificadas intensidades de ocupação urbana e rural. A seguir procuramos localizar e registrar sistematicamente os sítios arqueológicos através de caminhadas sistemáticas, perfurações com sonda geológica e prospecções em áreas previamente selecionadas ou indicadas pela população ou documentação. Também realizamos um levantamento dos recursos naturais do município que pudessem ter sido aproveitados pelas populações indígenas, através de trabalho de campo e de pesquisa bibliográfica. A partir dessas diversas atividades poderemos estabelecer quais os locais aptos para desenvolver escavações arqueológicas.

Com a duração de um ano (1993-1994), esta primeira fase de localização foi desenvolvida sob duas estratégias: uma probabilística e outra oportunística.

A probabilística, é caracterizada pela cobertura completa e sistemática de uma área previamente escolhida após o reconhecimento e a coleta de informações a partir das atividades acima mencionadas, através de caminhadas sistemáticas para verificar se havia vestígios superficiais, bem como para realizar prospecções com sonda geológico (de 30 em 30 m) e/ou pequenas escavações em quadrículas com 1 metro de lado, para

verificar se havia vestígios subterrâneos.

A oportunística foi realizada paralelamente e consistiu no estabelecimento de contatos com a população, visando obter notícias sobre a localização de sítios arqueológicos e objetos encontrados no município. Para exemplificar o que estávamos procurando, apresentávamos aos entrevistados exemplares de objetos e fragmentos líticos e cerâmicos similares aos dos povos indígenas que viveram na área atual de Porto Alegre.

A exemplo do que se vem constatando em todos os lugares onde é aplicada, a estratégia probabilística revelou um potencial de pesquisa promissor, pois nas duas áreas selecionadas e sistematicamente pesquisadas encontramos vestígios arqueológicos no balneário do Lami, entre as pontas do Cego e do Coco. Todo o litoral porto-alegrense tem características geo-ecológicas similares - planícies aluvionais em forma de enseada, irrigadas por cursos d'água e cercada por morros graníticos - , representando a probabilidade de se encontrar mais sítios, especialmente nas áreas menos urbanizadas entre a ponta da Serraria e o Lami.

A primeira parte da área sistematicamente pesquisada foi a Reserva Biológica do Lami, onde localizamos indícios de um sítio arqueológico completamente destruído pela remoção de areia para aterro. Na segunda parte do balneário, a partir Reserva, em direção ao morro do Coco, localizamos outro sítio parcialmente destruído pela retirada de areia em dunas, entre áreas alagadiças. A dispersão do material, praticamente contínua, é de aproximadamente 3 km de comprimento por 150 m, em média, de largura. As sondagens em diversos pontos sobre a duna, revelaram uma camada arqueológica com espessura média de 40 cm.

Na ponta do Coco, no município vizinho de Viamão, há um sítio de pequenas dimensões, localizado em 1982 por Guilherme Naue.

A estratégia oportunística também apresentou resultados positivos, apesar das dificuldades geradas por inúmeras pistas falsas e pelo tempo gasto para encontrá-las. Nesta não fizemos prospecções sistemáticas, apenas aleatórias, sem resultados positivos no Morro do Osso e na Restinga.

A confirmar, com prospecções sistemáticas, temos informações oportunísticas obtidas para a Lomba do Pinheiro (próximo a Via do

Trabalhador), Ponta do Arado, Belém Novo, Lageado, Ponta do Cego, Restinga, Morro do Osso, Vila Mapa, Campo Novo, Vila Nova, Ilhas do Delta do Jacuí, Lami, Ponta dos Coatís e Espírito Santo.

Conclusão

Considerando que concluímos o primeiro ano de atividades de pesquisa histórica e arqueológica como uma introdução e um reconhecimento inicial aos 146 km quadrados de Porto Alegre.

Um projeto de localização e estudo de sítios arqueológicos em uma área dessas dimensões, marcada por diferentes especificidades locais advindas da urbanização, deve ter uma intensidade de varredura que alcance o metro quadrado e pretenda examinar todos os arquivos públicos da cidade. Ao mesmo tempo, também é necessário valorizar as informações obtidas através do público. Em suma, é uma pesquisa de longa duração.

Lento, devido à baixa velocidade com que se percorre as áreas de pesquisa ou, ao tempo gasto para seguir pistas originadas em uma informação oportunística, o projetos com esta proposta estão em desvantagem em relação ao rápido crescimento da cidade e a sua capacidade de devorar os vestígios arqueológicos.

Como foi possível verificar em diversos bairros, um grande sítio pode desaparecer em um dia de trabalho de uma ou duas retro-escavadeiras que extraem solo para aterros. Verificamos, através de investigação e de informações de terceiros, que desde o início da urbanização de Porto Alegre foi comum a retirada de terra das encostas dos morros para aterrar as grandes extensões de várzeas alagadiças por onde atualmente se espriam vários bairros. De acordo com diversos funcionários da Prefeitura Municipal, a prática mais freqüente era a retirada de lâminas de terra com espessura média de 70 cm, em áreas que com o passar dos anos alcançaram até vários milhares de metros quadrados, justamente nas áreas onde é maior a freqüência dos sítios arqueológicos.

Na Planície costeira a maioria das dunas foram completamente removidas, sobrando atualmente poucos exemplares deste tipo de formação geológica. Provavelmente, nas áreas alagadiças aterradas com sedimentos extraídos dos morros ou com lixo urbano, muitos sítios devem ter sido soterrados. Em áreas alagáveis aptas para o cultivo de

arroz, como no vale do Gravataí, e para pastagem, como no Lami e em Belém Novo, muitos sítios devem ter sido removidos e/ou terraplanados através de trabalhos de uniformização da superfície dos terrenos.

Um passo seguinte no desenvolvimento das estratégias oportunísticas, será promover a divulgação do projeto através da mídia, buscando atingir um grande público. Por um lado aguardamos informações que sejam úteis aos objetivos da pesquisa e, por outro, propiciar uma divulgação sobre as temáticas que estamos estudando.

Ao longo do primeiro ano constatamos que a maioria das pessoas que foram entrevistadas desconheciam qualquer informação sobre a existência de populações indígenas e/ou pré-históricas na região. E, em muitos casos, quando tinha alguma notícia, especialmente devido ao conhecimento de vestígios arqueológicos, formulavam um imaginário completamente distorcido. Além disso, a maioria desconhece a existência de instituições que realizam pesquisa arqueológica na capital e no Estado.

Estes aspectos resultam, por lado, da ausência de pesquisas e de um trabalho de divulgação da própria Arqueologia, para rever e desmistificar as representações do público a respeito do passado da cidade onde vivem. E, por outro, das lacunas existentes na produção historiográfica sobre Porto Alegre, que raras vezes tratou acertadamente e com base científica o tema (muitas vezes os historiadores, por não abrirem as publicações dos arqueólogos, contribuíram para mistificação da questão indígena).

É, portanto, importante que os arqueólogos urbanos atraiam o interesse do público e criem meios concretos para que se valorize o patrimônio arqueológico e o passado pré-histórico da área onde hoje está Porto Alegre.

ABSTRACT

This paper presents the first steps of a regional research wich final goal is the understanding of how different populations occupied the same space during the last 10.000 years. For that, theoretical-methodological devises from Archeology, Ethnology and History were used.

Key word: regional research; Porto Alegre; ingigenous.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AHRGS. Os Índios D'Aldeia dos Anjos. Gravataí - Século XVIII. Porto Alegre: EST/Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. 1990
2. ANDRADA, G. F. Cartas. Revista do Archivo Publico Mineiro. nº 21-22-23. Belo Horizonte: 1927, 1928, 1929.
3. BECKER, I. B. El índio y la colonización: Charruas y Minuanes. Pesquisas, Antropologia, 37: 1-286. São Leopoldo. 1984.
4. BECKER, I. B. O índio Kaingang no Rio grande do Sul. Pesquisas, Antropologia, 29: 1-334. São Leopoldo. 1976.
5. BROCHADO, J. P. An ecological model of the spread of pottery and agriculture into eastern South America. PhD thesis. Urbana-Champaign, University of Illinois. 1984.
6. BROCHADO, J. P. Histórico das pesquisas arqueológicas no R.G.S. Iheríngia, antropologia, 1:3-42. Porto Alegre. 1969.
7. CALDRE E FIÃO, J.A. Ibicui retã. Boletim Municipal, 6(15): 418-424. 1943.
8. CEZIMBRA JACQUES, J. Costumes do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: ERUS. 1979.
9. CORTESÃO, J. (Org.). Jesuítas e Bandeirantes no Tape (1615-1641). Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional. 1969.
10. GAZZANEO, Marta. Restos alimentares no sítio de Itapoã. Arqueologia do RGS. Brasil-Documentos. 04: 131-135. São Leopoldo. 1990.
11. GOLDMEIER, V. et SCHMITZ, P.I. Sítios arqueológicos do Rio Grande do Sul. São Leopoldo: IAP-UNISINOS. 1983.
12. KERN, Arno A. (Org.). Arqueologia Pré-histórica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1991.
13. LEITE, S. Monumenta Brasiliae, 5 vols. Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu. 1956-1968.
14. LEITE, S. O sítio do Arroio do Conde. Porto Alegre: UFRGS. 1975.
15. LEONHARDT, C. (Org.). Cartas anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán, de la Cia de Jesús (1609-1637). 2 vols. Buenos Aires: Talleres S. A Jacobo Peuser. 1927-1929.

16. MENTZ RIBEIRO, P.A. Arqueologia do Vale do rio Pardo, Rio Grande do Sul, Brasil. Porto Alegre: PUCRS, 1991. Tese de doutoramento.
17. MENTZ RIBEIRO, P.A. *et al.* Levantamentos arqueológicos na encosta do Planalto entre o Vale dos rios Taquari e Caí, RS, Brasil. Resumos das comunicações apresentadas na V Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira - SAB. Santa Cruz do Sul. p. 21. 1989.
18. MENTZ RIBEIRO, P.A. Sítios arqueológicos do vale do rio dos Sinos. Pesquisas, 18: 153-169. São Leopoldo. 1968.
19. NOELLI, F. S. Sem Tekohá não há Tekó (Em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do Jacuí-RS). 2 vol. Porto Alegre: PUCRS. 1993. Dissertação de mestrado.
20. PORTO ALEGRE, Augusto. A fundação de Porto Alegre. Porto Alegre: Globo. 1906.
21. REDMAN, C. Multistage fieldwork and analytical techniques. American antiquity, 38(1): 61-79. 1973.
22. RODRIGUES, Jerônimo. A missão dos Carijós - 1605-1607. In: Serafim Leite. Novas Cartas Jesuíticas (de Nóbrega a Vieira). São Paulo: Brasiliense/Companhia Ed. Nacional, 1940. pp. 196-246.
23. RÜTHSHILING, Ana L. B. Pesquisas arqueológicas no baixo rio Camaquã. Documentos. 3:7-106. São Leopoldo. 1989.
24. SCHMITZ, P. I. A pesquisa arqueológica no Estado do Rio Grande do Sul. Dédalo, 17-18:67-85. São Paulo. 1973.
25. SCHMITZ, P. I. *et al.* Pesquisas sobre a tradição Taquara no nordeste do Rio Grande do Sul. Documentos, 2:5-130. São Leopoldo. 1988.
26. SCHMITZ, Pedro I. *et al.* Arqueologia do Rio Grande do Sul. Pesquisas, Antropologia, 16:47-78. São Leopoldo: IAP, 1967.
27. SCHMITZ, Pedro I. *et al.* Uma aldeia Tupiguarani. Projeto Candelária, RS. Arqueologia do RGS, Brasil - Documentos, 04:1-130. São Leopoldo. 1990.
28. SILVA, S. B. Programa de pesquisas arqueológicas na região de Itapuã (Viamão-RS). Anais do Curso Porto Alegre: Memória e Identidade. Porto Alegre: SMC, 1992. pp.17-29.
29. SPALDING, W. História da cidade por dois séculos. In: A. Franco; M. Silva & L. J. Schidrowitz (Orgs.). Porto Alegre. Biografia duma cidade. Porto Alegre: Tipografia do Centro S.A, 1940. pp.81-112.
30. SPALDING, W. Notas In: CALDRE E FIÃO, J.A. Ibicui retã. Boletim Municipal, 6(15): 418-424. 1943.

31. SPALDING, W. O município de Porto Alegre. Boletim Municipal. 1(1): 121-162. 1939.
32. SPALDING, W. O município de Porto Alegre. In: J. T. Perez (Org.). Porto Alegre por dentro e por fora. Porto Alegre: Livraria Continente. s.d.
33. SPALDING, Walter. Pequena História de Porto Alegre. Porto Alegre: Sulina. 1967.